



Sinais trocados de Trump

Presidente dos EUA envia mais 2,5 mil fuzileiros navais ao Golfo Pérsico e estuda forçar a reabertura do Estreito de Ormuz, mas prevê a redução gradual das operações militares. Em novo ataque, republicano chama aliados da Otan de “covardes”

» RODRIGO CRAVEIRO

Além de chamar de “covardes” aliados históricos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Donald Trump avisou que não deseja um cessar-fogo com o Irã e garantiu que Israel somente estará pronto para pôr fim à guerra quando os Estados Unidos também estiverem. Na tentativa de liberar a navegação no Estreito de Ormuz, canal marítimo responsável pelo escoamento de 20% do petróleo mundial, os Estados Unidos intensificaram os ataques a alvos iranianos. O Pentágono também decidiu pelo envio ao Golfo Pérsico de 2,5 mil homens da 11ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais, baseada em Camp Pendleton (Califórnia). Parte da força terrestre viajará ao Oriente Médio a bordo do navio de assalto anfíbio USS Boxer.

No fim da tarde, Trump emitiu sinais trocados, ao admitir que estuda “reduzir gradualmente” as operações militares no Irã. “Estamos prestes a alcançar nossos objetivos enquanto consideramos reduzir gradualmente nossos importantes esforços militares no Oriente Médio contra o regime terrorista iraniano”, escreveu na plataforma Truth Social. “O Estreito de Ormuz deverá ser vigiado e controlado, se necessário, pelos demais países que o utilizam — o que não é o caso dos Estados Unidos!”, afirmou.

Mais cedo, o jornal *The Wall Street Journal* informou que a Casa Branca avalia utilizar os marines para assegurar o livre trânsito

pelo Estreito de Ormuz. A imprensa norte-americana também admite que soldados poderiam ser utilizados para retirar o urânio enriquecido do Irã. Antes de falar sobre a redução das ações bélicas, Trump não quis revelar como as tropas serão empregadas no conflito com o Irã. Durante discurso em evento com cadetes da Marinha, o republicano fez um elogio aos marines, sem citar a guerra no Oriente Médio. “Nenhuma força na Terra pode derrotar os fuzileiros navais americanos nem o Exército dos Estados Unidos”, insistiu.

Em outro momento, ao receber jornalistas na Casa Branca, Trump descartou suspender a “Operação Fúria Épica”. “Não quero um cessar-fogo. Você não faz um cessar-fogo quando está literalmente aniquilando o adversário. Estamos atingido eles com uma força terrível. Não acho que seja possível receber golpes mais fortes”, declarou.

“Tigre de papel”

Apesar da retórica triunfante, ele tornou a atacar a aliança militar ocidental. “Sem os EUA, a Otan é um tigre de papel. Eles não quiseram se unir à luta para deter um Irã movido a energia nuclear. Agora que essa guerra está militarmente ganha, com muito pouco perigo para eles, reclamam sobre os altos preços do petróleo pelos quais são forçados a pagar”, escreveu o presidente em sua plataforma Truth Social. “Mas, não querem ajudar a abrir o Estreito de Ormuz. (...) Covardes! Nós nos lembraremos.”

Professora de relações

Brendan Smialowski/AFP



Donald Trump caminha por um dos corredores da Casa Branca: indisposição com aliados históricos

internacionais da ESPM, Denilde Holz hacker não se surpreende com a postura errática de Trump. “Ele adota a mudança repentina de retórica como tática para confundir, no sentido de que o Irã poderia se preparar para um aumento de tropas americanas. A ideia é fazer com que seus inimigos não entendam qual será o próximo movimento. Trump tinha a expectativa grande de que os aliados europeus entrariam no conflito para apoiar a posição dos EUA,

por meio da Otan. Mas a forma como ele tem tratado seus parceiros causou uma desconfiança. Os europeus também não têm um consenso em relação a um apoio militar e alguns países defendem atuar com o Irã de outra forma”, explicou ao **Correio**.

Holz hacker adverte que o eventual uso de tropas no Irã é uma situação de “alto risco” para Trump. “Isso afeta a base política dele e pode expandir as perdas de soldados, algo sempre visto com

preocupação nos Estados Unidos. A decisão poderia ser associada ao fracasso de outras operações americanas, como no Afeganistão e no Iraque”, alertou, ao apontar um cenário de maior complexidade, o qual não descartaria uma presença militar no Irã. Ela lembra que, nos últimos dias, Israel bombardeou poços de gás do Irã e Trump pediu que o aliado parasse. “Trump calcula os riscos e os impactos da guerra na política interna americana e no preço dos combustíveis.”



O Estreito de Ormuz deverá ser vigiado e controlado, se necessário, pelos demais países que o utilizam — o que não é o caso dos Estados Unidos!”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Em alusão ao ano-novo persa, uma mensagem atribuída ao aiatolá Mojtaba Khamenei, líder supremo iraniano, garante que o Irã desferiu um “golpe fulminante” e “derrotou” o inimigo da guerra. “Neste momento, graças à unidade especial que se formou entre vocês, nossos compatriotas, apesar de todas as diferenças de origem religiosa, intelectual, cultural e política, o inimigo foi derrotado”, assegurou o clérigo, que segue longe dos holofotes, em meio a rumores de que teria sofrido uma laceração no rosto e fraturado uma das pernas, em um bombardeio israelense. Israel matou Ali Mohamadi Naini, porta-voz da Guarda Revolucionária Iraniana, e Esmail Ahmadi, chefe da unidade de inteligência da milícia paramilitar Basij — a força responsável pela repressão.

Autoincriminação e enforcamento

Moharebeh (ou “guerra contra Deus”). Este foi um dos crimes pelo qual Saleh Mohammadi, 19 anos, atleta da seleção nacional do Irã de luta livre, foi condenado e enforcado, na última quarta-feira. O jovem iraniano foi julgado em 3 de fevereiro por um tribunal da cidade sagrada xiita de Qom pelo assassinato de um policial, em 8 de janeiro, em meio a manifestações. Em entrevista ao **Correio**,

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR), disse que Mohammadi não teve acesso a um advogado desde o momento posterior à prisão. “Ele foi forçado a fazer confissões em que se autoincriminava, ainda na fase da investigação. Ante o tribunal, retratou-se das acusações”, afirmou o ativista. “Apesar de ter testemunhado

que confessou sob tortura e coerção, o tribunal rejeitou sua alegação, baseando-se nas confissões feitas na reconstituição do crime e em ‘depoimentos de testemunhas oculares’ como prova de sua condenação”, acrescentou Moghaddam. Por sua vez, Kamaran Taimori — membro da diretoria da Organização Hengaw de Direitos Humanos — disse à reportagem que Mohammadi foi executado

com dois cúmplices, Mehdi Ghassemi e Saeed Davoudi. “Entre outras acusações, eles responderam por ‘incitar o povo à guerra e matar com a intenção de perturbar a segurança nacional’. Como no passado, as instituições de segurança e judiciais do Irã usam essas acusações para impor penas de prisão ou pena de morte a manifestantes detidos ou presos políticos e ideológicos”, explicou Taimori. (RC)



Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Qual era mesmo o plano de guerra?

A guerra iniciada com os ataques de EUA e Israel entra pela quarta semana com alguns traços já demarcados. Primeiro, sinais claros de que ela se alastra pelo Oriente Médio e se enraíza, sem indicação de alguma solução à vista. Ademais, as idas e vindas expõem desencontros e fissuras entre Washington e os principais aliados, notadamente com os europeus, mas até mesmo com o governo israelense.

Por fim, e nem por isso menos importante: o impacto econômico já se faz sentir, dos mercados de commodities aos postos de combustíveis. E pelo mundo afora, inclusive aqui, mas também no bolso dos norte-americanos, que vão às

urnas em novembro para renovar a Câmara (100%) e o Senado (parcialmente).

O vaivém do noticiário, os movimentos dos atores diretos e dos coadjuvantes sugerem a pergunta sobre a qual se debruçam estrategistas, analistas e curiosos: Trump tinha uma estratégia para a guerra, ou ao menos objetivos definidos a conquistar?

Tudo ou quase

As sucessivas declarações — e, mais ainda, as postagens na rede Truth Social — dão a entrever uma certa dose de improviso. O presidente dos EUA falou em liquidar

os programas iranianos nas áreas nuclear e de mísseis. Ambas foram dadas por “obliteradas” com os bombardeios de junho passado. Mencionou também a derrubada do regime islâmico, impulsionada pela “decapitação” seletiva da cúpula, começando pelo líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei.

Diante da reação de Teerã, em especial com a interdição do Estreito de Ormuz e os ataques do setor energético/petroleiro aos vizinhos árabes aliados a Washington, Casa Branca, Pentágono e Departamento de Estado manobram na direção de metas mais imediatas. Em resumo, um rearranjo de posições no tabuleiro que ajude a domar a montanha-russa nos mercados globais.

Israel, por seu lado, investe em uma linha algo distinta. De saída, agarra à unha a oportunidade de tirar do jogo o regime islâmico, que enxerga como “ameaça existencial”. Mas explora outra frente de

interesse próprio: a neutralização do inimigo libanês, o movimento xiita Hezbollah, aliado de Teerã. Ali, o risco que paira é empurrar o vizinho de volta ao pesadelo da guerra civil confessional que dilacerou o país entre 1975 e 1990.

Enquanto louva Trump como “o líder” e se apresenta como “o aliado”, o premiê Benjamin Netanyahu persegue a própria agenda, de alcance mais claro e ambicioso. Assim como o chefe, tem no horizonte um encontro decisivo com as urnas, ainda neste ano.

Transatlântico

À margem dos acertos com o aliado estratégico no teatro de operações, a Casa Branca administra estremecimentos com os parceiros da Europa. Já nas escaramuças do tarifaço comercial, em 2025, ficaram à vista brechas na aliança estratégica estabelecida e desenvolvida no pós-2ª Guerra.

Agora, as ondas de choque sobre os preços de petróleo e derivados voltam a tensionar a relação transatlântica. Uma medida pode ser tomada pelo tom de algumas declarações públicas. Keir Starmer, o premiê britânico, um trabalhista com título de nobreza, reitera que o Reino Unido não se deixará “arrastar” a “uma guerra mais ampla” no Oriente Médio. França, Alemanha e outros sócios europeus seguem a trilha. Trump, repetidas vezes, classificou a todos como “covardes” e “ingratos”.

Transatlântico é nome também para os grandes navios de passageiros com porte para cruzar oceanos. São tidos como seguros, a despeito do trágico naufrágio do Titanic — que expôs o calcanhar de aquiles. Uma vez em curso, são lentos para manobrar e driblar obstáculos.

Adiós, muchachos

Com o aceno a enviar um contingente militar argentino para

apoiar as operações de Trump no Oriente Médio, Javier Milei repete o peronista Carlos Menem. Quando os EUA de George Bush (pai) declararam guerra ao Iraque de Saddam Hussein, em 1990-1991, para expulsar suas tropas do Kuwait, a Argentina enviou para a região um navio contratorpedeiro. Na época, ao arripio da história nacionalista do peronismo, Menem traçara como linha mestra de política externa o estabelecimento de “relações carnavais” com Washington.

Se levar adiante o envio de tropas para a guerra contra o Irã, Milei reafirmará o alinhamento incondicional com Trump. E o distanciamento do principal parceiro comercial e vizinho de importância estratégica — o Brasil de Lula, que entra em campanha pela reeleição tendo como um dos carros-chefes a “defesa da soberania” diante das pressões múltiplas da Casa Branca.